

IDEOLOGIA E INTERAÇÃO EM “OLHOS D’ÁGUA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

IDEOLOGY AND INTERACTION IN “OLHOS D’ÁGUA” BY EVARISTO CONCEIÇÃO

Rovílio de Lima Nicácio¹

RESUMO

A produção do presente trabalho teve como objetivo o estudo de ideologia e interação no conto “Olhos d’água” (2018), de Conceição Evaristo. Para isso, partimos das discursões desenvolvidas na disciplina “Práticas de Linguagem e Ensino”, do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL), da Universidade Federal do Acre (UFAC), *campus* Floresta. Como aporte teórico, recorreremos a Bakhtin (2016), acerca da concepção signo, ideologia e memória, com foco na interação, na busca de verificar como o conto apresenta a relação ideológica e interacionista, constituída pela imagem dos olhos, que a autora utiliza com recorrências. A pesquisa assumiu dois vieses investigativos, no intuito de aprofundar e comprovar o que já fora explanado sobre a temática. A primeira perspectiva é a bibliográfica, que consistiu na busca de base material do que já foi elaborado sobre a abordagem em questão, consistindo, basicamente, na consulta em livros e artigos científicos. Numa segunda dimensão, vimos que segue uma abordagem qualitativa com análise literária do conto.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia. Interação. Memória.

ABSTRACT

The production of this work aimed to study ideology and interaction in the short story “Olhos d’água” (2018), by Conceição Evaristo. For that, we started from the speeches developed in the discipline “Language and Teaching Practices”, of the Postgraduate Program in Teaching Humanities and Languages (PPEHL), from the Federal University of Acre (UFAC), *campus* Floresta. As a theoretical contribution, we turn to Bakhtin (2016), about the conception of sign, ideology and memory, with a focus on interaction, in the search to verify how the story presents the ideological and interactionist relationship, constituted by the image of the eyes, which the author uses with recurrences. The research assumed two investigative biases, in order to deepen and prove what had already been explained about the theme. The first perspective is the bibliographic one, which consisted of searching for a material basis of what has already been elaborated on the approach in question, basically consisting of consulting books and scientific articles. In a second dimension, we saw that it follows a qualitative approach with literary analysis of the story.

KEYWORDS: Ideology. Interaction. Memory.

¹ Mestre em Ensino de Ciências e Matemática – UFAC. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL/UFAC. E-mail: rovilio10@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Decorrente das discussões desenvolvidas na disciplina “Práticas de Linguagem e Ensino”, do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL) da Universidade Federal do Acre (UFAC), *campus* Floresta, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura do conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, procurando verificar como se dá a relação ideológica e interacionista. Munindo-se dos postulados teóricos de Bakhtin (2016) acerca das concepções de ideologia e de interação, propôs-se, na análise, contemplar de que forma a autora aborda as questões ideológicas e interacionistas.

Para discorrer sobre a temática, organizamos o artigo em duas seções. Na primeira, abordamos diferentes concepções de ideologia, além de enfatizarmos a concepção de interação. Na segunda, analisamos os elementos abordados e observados no conto “Olhos d’água” (2018), bem como as contribuições adquiridas em sala de aula, na disciplina “Práticas de Linguagem e Ensino”.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A concepção de ideologia é uma invenção exclusivamente da sociedade moderna. Antes da Idade Moderna, os mecanismos utilizados para explicar a realidade advinham dos mitos e do pensamento religioso.

Ao longo dos séculos, inúmeros estudiosos definiram ideologia de várias maneiras, até mesmo Marx não foi capaz de chegar a um conceito único. Porém, é com teoria marxista da criação ideológica ligada aos problemas da filosofia da linguagem que Bakhtin (2016) aborda a ideia de um produto ideológico,

[...] faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. *Sem signos não existe ideologia* (BAKHTIN, 2016, p. 29).

Esse autor aborda o conceito de ideologia social que se constrói em todas as esferas das interações, pois “a ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” (BAKHTIN, 2016, p. 34). A ideologia não é concebida no processo de produção das ideias e nas condições sócio-históricas reais em que são

produzidas, menos ainda no modo de pensar e interpretar essas relações. Ao contrário, ela está baseada na alienação e na suposição de ideias que existem por si, sem a necessidade de reflexão.

Nesse sentido, ideologia é conceituada por Chauí (2008) como:

[...] um conjunto lógico, sistemática e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, que devem fazer e como devem fazer. (CHAUI, 2008, p. 8-9)

Na perspectiva bakhtiniana, a ideologia poderia caracterizar-se como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais dos homens. Também é vista como uma representação, que, por conseguinte, se dá na/pela linguagem. É nos signos que um ser se denomina no mundo e que faz referência a uma outra realidade fora da imediata.

Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que se sucedem no cérebro do homem, fixados por meio de palavras, desenhos esquemas ou outras formas signícas. (BAKHTIN, 2016, p. 138).

Ainda em sua abordagem teórica da ideologia, Bakhtin (2016) destaca que os reflexos e interpretações da realidade estão carregados de significados e, por meio dos signos, remetem a algo situado fora de si mesmo. Nesse sentido, o signo tratado pela compreensão do significado é ideológico e comporta, dentre outros aspectos, as crenças, os sonhos, as visões de mundo e os modos de interpretar a realidade. Se o signo não fosse também ideológico, nada disso poderia ser identificado nele.

A ideologia é uma dupla face que faz com que o signo, enquanto abstração conceitual carregada de significados se mantenha na história e também se transforme na interação verbal. Tais considerações nos direcionam, ainda, ao entendimento da definição de ideologia como um conjunto de valores e de ideias que se constitui através da interação verbal de diferentes sujeitos pertencentes a diferentes grupos socialmente organizados na história concreta.

No constructo ideológico, a memória tem papel fundamental. Para Bakhtin (2016), memória é consciência histórica construída pela interação, é construção processual em que se evocam, ao mesmo tempo, o passado e o presente. As memórias do passado nos remetem às experiências, aos enunciados, aos discursos e valores que nos constituem. Em virtude disso, é também contemporânea. Por sua vez, a memória do presente é projeção, processo em construção, portanto, utópica. Cada momento vivido é conclusivo, e, ao mesmo tempo, inicial de uma nova vida. Sobre isso, Bakhtin (2016) enfatiza que:

A memória da história da humanidade está cheia destes signos ideológicos defuntos, incapazes de constituir uma arena para o confronto dos valores sociais vivos. Somente

na medida em que o filólogo e o historiador conservam a sua memória é que subsistem ainda neles alguns lampejos de vida (BAKHTIN, 2016, p. 46).

Passemos ao conceito de enunciação monológica, um dos elementos presentes constituintes da concepção da interação verbal da teoria de Bakhtin (2016). Desse modo, enunciação monológica é

[...] ponto de partida da sua reflexão sobre a língua. É verdade que seus representantes não abordaram a enunciação monológica do ponto de vista do filólogo de compreensão passiva, mas sim de dentro, do ponto de vista da pessoa que fala, exprimindo-se (BAKHTIN, 2016, p. 112).

A enunciação monológica sob as bases do subjetivismo individualista, para Bakhtin (2016, p. 112) “[...] se apresenta como um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc”, ou seja, tem em suas bases uma posição ideológica definida, isolada e livre das influências e determinações com contexto. Contudo, a enunciação monológica é expressão da interação verbal, e, como produto ideológico, funciona em qualquer situação social.

Porém, o autor aponta que a expressão está dividida em duas facetas: a do “conteúdo (interior) e sua objetivação exterior para outrem (ou também para si mesmo)” (BAKHTIN, 2016, p. 113). Em suas palavras, “a interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN, 2016, p. 125). A palavra é ideológica por natureza e comporta nossas avaliações, de forma que a interação é um evento dinâmico no qual o que está em jogo são posições axiológicas, confrontos de valores sociais. Logo, a interação é um diálogo contínuo que resulta desse confronto e que constitui a natureza da linguagem. Ressaltamos ainda que a natureza social da enunciação, a natureza da palavra como produto da interação entre o locutor e o interlocutor e o fato de que toda enunciação surge de certas pressões sociais configuram, também, os ouvintes possíveis.

É importante destacar que, no espaço-tempo da enunciação, existe uma relação que envolve um tempo mais prolongado e um mais imediato, considerando, também, a memória do futuro na relação entre os interlocutores. Assim sendo, cada grupo construirá seu repertório de signos e enunciados que direcionarão as criações ideológicas de sua época. É preciso estabelecer diferenciação entre o horizonte e o ambiente: enquanto o primeiro coloca-se em relação ao signo, o segundo refere-se ao lugar fora do signo; o primeiro é social e o segundo, apesar de social, é mais voltado para o físico.

A abordagem realizada sobre diálogo por Bakhtin (2016, p. 149), é que “a unidade real da língua que é realizada na fala não é a enunciação monológica individual e isolada, mas a interação, isto é o diálogo”. A interação se dá entre o falante (locutor) e o ouvinte (interlocutor) por meio dos signos. As palavras são o elo entre os interlocutores e vêm carregadas de valores constituídos socialmente. Porém, tem que se observar as várias formas de interlocução entre sujeitos, uma vez que existem outros tipos de diálogos e de interações.

3 DISCUSSÃO

Os textos são resultados das relações da atividade humana. Os gêneros discursivos, conforme Bakhtin (2016, p. 42), a:

[...] cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, a cada forma de discurso social, corresponde um grupo de temas. (BAKHTIN, p. 42).

As construções enunciativas e os tipos de gêneros discursivos apresentam-se como resultado de práticas vivenciadas anteriormente, acumulados na memória e estão relacionadas ao trabalho desenvolvido pelo sujeito com a intenção de proferir, unificando seu passado para com o seu futuro, defronte a alteridade viva e atuante, em seu interlocutor.

Aprender a noção de gêneros do discurso a partir de Bakhtin é incluir o texto como prática das atividades humanas vivenciadas pelos sujeitos. Tal compreensão nos conduz à visão de que o texto é fundamental não somente para os estudos da língua, mas para a própria reconstrução da compreensão do homem e das Humanidades. É nesse sentido que nos dispomos a analisar e discutir o conto “Olhos D’água”, de Conceição Evaristo, professora, ativista do movimento de valorização da cultura negra brasileira com publicações de poesias, ensaios e contos, nos quais, entre outras abordagens, destaca o empoderamento da mulher negra através do resgate de suas memórias.

O conto “Olhos D’água” narra a preocupação em lembrar da cor dos olhos de sua mãe. A indagação vem em meio às lembranças de sua infância e desejo de retornar à cidade natal e encarar a figura materna, fixar o seu olhar no dela para descobrir a cor de seus olhos, já que por não consegue por si só. Esse é o pontapé inicial para a autora, o que nos convida a adentrar em suas memórias de narradora, conhecendo a sua infância e, junto dela, reviver momentos marcados pelas dificuldades e privações de uma vida permeada pela pobreza e se encantar pela

figura materna que protege, acalenta e encanta, até mesmo nos momentos mais angustiantes, fazendo da necessidade sua força motriz para tornar a vida das filhas menos dolorosa.

O aporte teórico de Mikhail Bakhtin (2016) nos conduz à reflexão de ideologia e interação, doravante destacadas nos enunciados supracitados.

Ao se pensar no conto, no que tange a concepção ideológica enquanto parte da realidade natural e social, não está relacionada apenas a autora-narradora-personagem, como também aos negros que foram levados a construir sua trajetória de vida de modo semelhante. Ou seja, por séculos, foram tratados como instrumento de produção e produto de consumo, sem oportunidades de manifestarem seus modos de ser e pensar sobre realidade exterior em que viviam, ou sobre as perspectivas de vida que cultivavam. A exemplo disso, no conto, a autora, ao manifestar o desejo de saber a cor dos olhos de sua mãe, dada a vivência sofrida de ambas, expressa o que sente em seu interior como algo ideológico remetido de significado.

À medida que vem à tona as lembranças da narradora-personagem de “Olhos d’água”, resultantes das experiências que marcaram sua infância, suas memórias começam a se confundir com as de sua mãe, o que Bakhtin (2016) elenca como momento conclusivo que possibilita o tempo inicial para uma nova trajetória de vida.

Na narrativa de Conceição Evaristo, temáticas como a fome e discriminação racial, de gênero, de classe, se fundem às memórias do passado, enquanto personagem e com as memórias do presente, enquanto narradora. Essa confluência entre autora-narradora-personagem é nomeada de interação verbal, dando-se desde a enunciação monológica, ou seja, “do ponto de vista da pessoa que fala, exprimindo-se, como expressão da consciência individual, de seus desejos, suas intenções, seus impulsos criadores, seus gostos, etc.” (BAKHTIN, 2016, p. 112)

Num segundo momento, ainda na concepção do autor, percebe-se presença da interação resultante do uso da palavra como fruto da interação entre o autor e leitor, que parecem, mesmo não fazendo uso da linguagem face a face, interagirem e dialogarem pelo fato de apresentarem vivência semelhantes, como a infância, e, quem sabe, as mesmas dificuldades vividas, o que Bakhtin (2016) chama de enunciação advinda e configurada de certas pressões sociais, levando-se em consideração memórias do futuro na relação entre os interlocutores.

No conto “Olhos D’água”, a presença da interação entre autor e personagem aparece, por exemplo, quando a autora, ao lembrar das histórias da infância de sua mãe, descreve características do lugar, do modo como as crianças se vestiam e das impressões sensoriais advindas do preparo das refeições. Essas impressões também podem ser lembradas pelo leitor, que, em semelhantes experiências vivenciadas, se reconhecem no texto, extrapolando a dimensão pessoal. Isso é possível devido à relação estabelecida entre o individual e o social.

A relação entre passado e futuro está presente no desfecho do conto, quando, em frente à filha, a narradora brinca de buscar, uma na outra, a verdadeira cor de seus olhos, o que outrora não guardara por parte da convivência com sua mãe:

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta que para ela mesma, ou como estivesse buscando ou encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: - Mãe, qual é a cor tão úmida e seus olhos? (EVARISTO, 2018, p. 19).

O fragmento revela a interação que nesse contexto se efetiva entre o falante (locutor) e o ouvinte (interlocutor), por meio dos signos. São nas palavras que é feita esta ligação carregada de valores constituídos socialmente.

Não obstante, percebemos a relação dialógica com as raízes no ato de se recordar das mulheres de sua família e de suas ancestrais desde a África:

Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (EVARISTO, 2018, p. 18).

É uma necessidade emergente descobrir a cor dos olhos de sua mãe para se enxergar. A ausência de interação, dado o afastamento enquanto convivência e as lembranças vagas, conduz ao esquecimento de suas origens. Conseguir saber a cor dos olhos de sua mãe é resgatar sua identidade perdida.

Na perspectiva bakhtiniana, o conto *Olhos d'água* (2018) é um signo, não somente pelos caracteres de significante, mas sobretudo por seus aspectos de significado, numa posição simbólica, portanto, ideológica, a qual, ao mesmo tempo, se propõe em enxergar o mundo e a si mesma, permeando a relação autor-personagem-leitor. Isso é confirmado quando a autora analogicamente compara com o orixá Oxum, “A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum” (EVARISTO, 2018, p. 19).

O fragmento deixa clara a presença da filosofia idealista e a visão psicologista da cultura na consciência, quando Bakhtin (2016) diz que:

A filosofia idealista e a visão psicologista da cultura situam a ideologia na consciência. Afirmam que a ideologia é um fato de consciência e que o aspecto exterior do signo é simplesmente um revestimento, um meio técnico de realização do efeito interior, isto é, da compreensão. (BAKHTIN, 2016, p.31)

O conto percorre desde a face histórica, por meio do retorno à mãe e às referências à África e à sabedoria das Yabás, até a cultural e religiosa, por meio das referências aos orixás, abarcando, nesse percurso, o aspecto social do ser negro no Brasil. Essas percepções podem ser verificadas no fragmento:

E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias (EVARISTO, 2018, p. 18).

No entanto, na história do Brasil, muitas vezes, e por muito tempo, houve negação da história desde sua ancestralidade africana, na contramão do que era para ser razão de reconhecimento e valorização, haja vista a grande influência dos negros na construção social, política, econômica e religiosa brasileira. Parte dessa concepção ainda se perpetua em nossa sociedade até hoje.

4 APONTAMENTOS FINAIS

Designou-se neste trabalho um ensaio de leitura de “Olhos d’água” (2018), de Conceição Evaristo, que contemplese o aporte teórico acerca de ideologia e interação. Buscamos evidenciar no conto, elementos do enredo, especialmente o desejo da autora em descobrir de que cor eram os olhos de sua mãe, para ilustrar a genuína capacidade de produção literária.

A indagação levantada pela narradora-personagem em meio às lembranças remotas e incertas sobre a cor dos olhos que vem permeada de ideologia e interação como manifestação interior e exterior. Insurge a vontade gritante, não só de rever sua mãe, mas de retomar suas origens – a sua história atrelada aos negros utilizados como instrumento e produto de consumo no Brasil.

Conceição Evaristo nos leva à reflexão de cunho social, cultural e religiosa, pertinentes à sua vivência e ao berço dos negros – a mãe África. Diante do que foi exposto, a autora instiga o

surgimento de autores natos a sua origem de discorrerem suas vivências e experiências sob à ótica mais pertinentes a Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M./VOLOCHÍNOB V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 16. ed. Tradução por Michel Lanuf e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Míni, 2018.

Data de submissão: 03/08/2020

Data de aprovação: 25/09/2020